
O Oráculo do Amor: Uma Análise a Partir do Episódio Hang The DJ

The Oracle of Love: An Analysis From The Episode Hang the Dj

El Oráculo Del Amor: Un Análisis Del Episodio Hang the Dj

Ana Carolina Filgueira Silva*

Estudante da Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, Recife, Pernambuco, Brasil

Rafaela de Abreu Amado Chaves Crisóstomo**

Estudante da Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, Recife, Pernambuco, Brasil

Emília Bezerra de Miranda***

Tutora da Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, Recife, Pernambuco, Brasil

RESUMO

Com as grandes transformações nos relacionamentos amorosos na contemporaneidade, mediados pelas tecnologias digitais, torna-se possível encontrar o seu par ideal. Essa realidade é demonstrada no episódio Hang the Dj, apresentado na quarta temporada do seriado Black Mirror da plataforma Netflix que será aprofundado neste estudo a partir de que se observa a fragilidade psíquica que repercute na subjetivação das pessoas provocando sofrimento psíquico, como sintomas de depressão e ansiedade a partir do uso de sistemas de relacionamentos. O objetivo é analisar o episódio, relacionando-o com as novas formas de amar e a liquidez dos relacionamentos contemporâneos, percebendo possíveis impactos na psique do sujeito. A metodologia utilizada baseia-se na construção de uma análise fílmica, a partir da análise de conteúdo, estabelecendo categorias e articulando-as teoricamente. Foram estabelecidas as seguintes categorias: A etiqueta do amor; Amor e ódio, O sistema (assistente) comparado aos aplicativos de relacionamentos atuais e O oráculo. A partir da análise, foram problematizados nas categorias temas como: o endeusamento dos algoritmos, os possíveis transtornos mentais que podem marcar esse contexto de amor e redes sociais e uma nova percepção sobre a junção do amor romântico e do amor líquido, o amor híbrido.

Palavras Chaves: amor romântico; amor líquido; novas formas de amar; aplicativos de relacionamentos.

ABSTRACT

With the great transformations in love relationships in contemporary times, mediated by digital technologies, it is possible to find your ideal match. This reality is demonstrated in the episode Hang the Dj, presented in the fourth season of the Black Mirror series on the Netflix platform, which will be deepened in this study from the point of view of the psychological fragility that affects people's subjectivity, causing psychological suffering, such as depression symptoms and anxiety from the use of relationship systems. The objective is to analyze the episode, relating it to new ways of loving and the liquidity of contemporary relationships, realizing possible impacts on the subject's psyche. The methodology used is based on the construction of a film analysis, based on content analysis, establishing categories and articulating them theoretically. The following categories were established: The etiquette of love; Love and hate, The (assistant) system compared to current relationship apps and The oracle. From the analysis, themes such as: the deification of the algorithms, the possible mental disorders that can mark this context of love and social networks and a new perception about the junction of romantic love and liquid love, hybrid love, were problematized in the categories.

Keywords: Romantic love, liquid love, new ways of loving, relationship apps.

RESUMEN

Con las grandes transformaciones en las relaciones amorosas en los tiempos contemporáneos, mediadas por las tecnologías digitales, es posible encontrar su pareja ideal. Esta realidad se demuestra en el episodio Hang the Dj, presentado en la cuarta temporada de la serie Black Mirror en la plataforma Netflix, que se profundizará en este estudio desde el punto de vista de la fragilidad psicológica que afecta la subjetividad de las personas, causando sufrimiento psicológico, como síntomas de depresión y ansiedad por el uso de sistemas de relación. El objetivo es analizar el episodio, relacionándolo con nuevas formas de amar y la liquidez de las relaciones contemporáneas, realizando posibles impactos en la psique del sujeto. La metodología utilizada se basa en la construcción de un análisis de película, basado en el análisis de contenido, estableciendo categorías y articulándolas teóricamente. Se establecieron las siguientes categorías: la etiqueta del amor; Amor y odio, El sistema (asistente) en comparación con las aplicaciones de relación actuales y El oráculo. Del análisis, temas como: la deificación de los algoritmos, los posibles trastornos mentales que pueden marcar este contexto de amor y redes sociales y una nueva percepción sobre la unión del amor romántico y el amor líquido, el amor híbrido, se problematizaron en las categorías.

Palabras clave: amor romántico, amor líquido, nuevas formas de amar, aplicaciones de relación.

INTRODUÇÃO

Parece natural pensar no amor como se ele fosse imutável ao longo do tempo. No entanto acompanhando historicamente a construção social do amor, percebe-se que dependendo da época, lugar, crenças e valores, este se transforma na forma que se ama e demonstra, que se busca e encontra e o encontra (Guedes & Assunção, 2006). Hoje em dia existem novas formas de amar, de ser amado, de fazer sexo, de trocar carinho. Mas afinal, o que é o amor?

De maneira geral o amor costuma ser visto como um sentimento natural, espontâneo e universal, porém, estudos nos esclarecem sobre sua condição histórica e cultural. Os seres humanos têm a capacidade de criar laços, demonstrar afeto, de amar e o que se denomina de amor não existiu desde sempre, tampouco está presente em todos os contextos (Guedes & Assunção, 2006; Lins, 2017).

A psicanalista Regina Navarro Lins (2017) afirma que o amor é uma construção social, e varia de forma, de significado e de valor. Assim como todas as culturas elegem suas formas de viver, de sofrer, de gozar, de morrer, também elegem suas formas de amar.

O amor romântico, que começou a marcar a sua presença a partir do final do século XVIII, teve como principal meio de propagação a literatura, suas narrativas geralmente falavam sobre feitos heroicos, aventuras e amor. Esta lançou um ideal de amor recíproco, onde duas metades se encontram e se “completam”, surgindo assim o mito do amor romântico (Ferreira, 2012).

O amor romântico passa a ocupar lugar na dinâmica social e subjetiva do sujeito, estando diretamente associado à mudança na caracterização e função da família dentro da sociedade burguesa, instituída no século XIX. A igreja também exercia um grande poder sobre a sociedade e a função familiar, influenciando na vida privada dos sujeitos, seguindo a igreja naquela época,

os cônjuges possuíam poder sobre os corpos um dos outros e principalmente a mulher deveria ser submissa, respeitando, amando e apoiando o marido que era o provedor da casa.

Se antes o casamento era arranjado, principalmente pela família e os pares não se conheciam, com a influência do romantismo, aos poucos o amor começou a adentrar nos relacionamentos, e possibilitou os jovens casais se conhecerem mediante supervisão familiar, utilizando a troca de cartas e telefonemas como instrumentos de comunicação, podendo assim, cultivar um relacionamento pré-nupcial. (Ferreira, 2012).

Durante as últimas décadas do século XIX, o ideal de casamento por conveniência tem se dissolvido, progressivamente, no ideal de juntos por amor. Dentro da lógica do amor romântico querem e anseiam pelo desejo de compartilhar a vida a dois com o seu par perfeito, alguém que lhe complementaria para toda a vida e assim sendo um só (Lins, 2017).

Dessa forma, duas concepções amorosas surgem ao mesmo tempo: uma voltada para o santo amor conjugal, e outra que podia ser vivenciada fora do casamento, com direito à realização física (Sacramento, 2006). Vivenciar tais situações podem gerar consequências psíquicas para sujeito como sintomas de ansiedade e depressão que muitas vezes estão em comorbidade, pois na busca por uma realização amorosa, empenha-se um esforço na tentativa de adequar a realidade à idealização, ou seja, há um grande risco de se prender a uma fantasia inatingível, e o amor pode se tornar uma fonte de frustração (Peck, 1978; Santoro, 2016).

Na segunda metade do século XX, o amor romântico começa a sair de cena, levando com ele a sua principal característica, a exigência da exclusividade (Costa, 1998). A partir dos anos 60, devido também ao movimento da contracultura, as “novas” formas de se relacionar como: amor próprio, relacionamento aberto, poliamor, relacionamentos homoafetivos, sexo casual, relacionamentos pela internet e várias novas formas ganham maior visibilidade. O

movimento da contracultura lutava e protestava pelos direitos das minorias, como: educação, saúde e preservação do meio ambiente visava a quebra de padrões sociais estabelecidos na época, expressando sua ânsia de rebeldia nas vestimentas, nos discursos e na própria postura dos integrantes, trazendo assim um conceito de amor mais livre (Goulart, Timponi, Justen, Autran & Oliveira, 2013).

Com isso, tem-se transformações políticas, sociais e culturais: como a ditadura no Brasil, o surgimento da pílula anticoncepcional, maior abertura no mercado de trabalho para o público feminino, expansão das tecnologias e vários outros marcos, que influenciaram a sociedade no modo geral e os relacionamentos. Na vida a dois, os papéis começam a mudar a mulher passa a não ser apenas dona de casa e o homem o provedor modificando-se a expectativa de uma vida a dois (Giddens, 1992)

Na atualidade, muitas pessoas sonham com sua “tampa da panela”, mas, quando se abrem para os relacionamentos acabam se desiludindo, sendo comum ouvir casais com queixas da vida a dois, não sabendo lidar com as diferenças, e que parecem equivocaram-se ao pensar que só o igual traz completude e satisfação (Giddens, 1992).

Por este motivo, questiona-se quantas pessoas sofrem nos relacionamentos e fora deles com esse ideal de amor romântico por não conseguirem alcançá-lo. O sujeito idealiza a pessoa amada e projeta nela, tudo o que gostaria que ela fosse de acordo com suas próprias necessidades construídas desde a infância, através das narrativas dos livros, filmes, novelas e relacionamentos familiares (Peck, 1978; Santoro, 2016).

Entretanto, com a convivência a dois, o sujeito entende que nem tudo corresponde a essa idealização, quando percebe que o outro é um ser humano, e não uma personificação ou seja de suas fantasias, se decepciona, sente-se envergonhado, culpado e enganado. Sustentar a

idealização se torna mais difícil com a intimidade e o convívio com a realidade, tendo como saída algumas opções: terminar o relacionamento desiludido e empreender uma nova busca pela “metade da sua laranja”, continuar o relacionamento já estabelecido, flexibilizando-o com uma série de concessões, ou seguir se envolvendo sem muita empatia pelo outro, conseqüentemente gerando danos para a relação (Lins, 2017).

Segundo Bauman (2004) a busca incessante por novos amores se dá na contemporaneidade de maneira fluida e líquida, da mesma maneira com que os objetos são exaltados e descartados, os amores seguem a mesma lógica capitalista, levando o sujeito a condição de coisa e objetificação. No ápice da “era da liquidez”, o ser humano se desprioriza e adquire o estatuto de coisa a ser consumida, para em seguida descartada por outrem, quando esta figura se enfada do uso continuado do objeto “homem”, facilmente repostos por modelos similares (Bittencourt, 2009).

Esse processo de despriorização do indivíduo, ou seja distanciamento do próprio eu, que fica imerso no oceano da indiferença existencial, é a característica por excelência da ideia de “vida líquida” problematizada por Bauman (2004), uma vida precária, em condições de incerteza constante.

Na atualidade com a inovação tecnológica é possível buscar relacionamentos dentro de redes sociais, um sistema aberto com conexão permanente entre as pessoas e com total mobilidade, independente de tempo e espaço (Filha, 2006). Este é um momento histórico no qual tecnologia, amor e sexo, questões de gênero e consumo se misturam, trazendo novas maneiras de se relacionar. E é justamente a busca, e não necessariamente o encontro, o aspecto mais inovador trazido pelas redes sociais (Lins, 2017).

A busca pelo par perfeito tem a ajuda dos algoritmos, uma inteligência artificial que cruza informações entre usuários e usuárias, sugerindo aqueles mais compatíveis devido à similaridades de gostos e padrões comportamentais, proximidade, entre outras informações que são utilizadas para facilitar o acesso do usuário aos possíveis parceiros, evitando assim, personalidades muito diferentes ou pouco compatíveis de se encontrarem, alimentando uma expectativa romântica de encontro do par ideal, com altos níveis percentuais de compatibilidade e promessa de sucesso amoroso (Lemos, 2018; Figueiredo & Souza, 2017).

Nesse sentido, é observada uma persistência na busca de um ideal de amor romântico em tempos de amores líquidos, diante desse cenário tecnológico, onde existe um aumento do uso de aplicativos de relacionamentos para trocas de afeto. Sendo necessário, questionar e investigar os possíveis impactos na psique do sujeito contemporâneo através das novas formas de amar. Esse artigo propõe uma análise de conteúdo do episódio quatro da quarta temporada da série *Black Mirror* produzida pela *Netflix*, origem do Reino Unido que teve início no ano de 2017, chamado de *Hang the Dj* (Suspenda o Dj), que traz uma sociedade distópica, trazendo uma ficção exagerada comparado com a realidade dos aplicativos de relacionamentos atuais. Onde as pessoas se submetem a um sistema, se relacionando por escolhas feitas pelo aplicativo com a finalidade de encontrar o seu “match” definitivo.

UM PERCURSO PELA NARRATIVA DO EPISÓDIO

O episódio tem início com Frank, um jovem adulto branco, cabelos ruivos claros, com sardas no rosto, sendo um dos protagonistas, ele aparenta estar um pouco perdido na cidade onde acabara de entrar. Uma voz que vem de um aparelho de bolso chamada Assistente/Conselheira lhe guia para ir até o centro da cidade, que foi criada com o objetivo de promover encontros entre pessoas que desejam encontrar o seu par ideal a partir de algoritmos.

Ao chegar em um restaurante, sua assistente lhe diz qual seu par para aquela noite e, ele então conhece Amy, morena clara, cabelos e olhos castanhos, na faixa dos trinta anos de idade, também protagonista. Eles se apresentam e conversam em um clima bem humorado, sem saber o que fazer, acabam tendo dificuldades em saber como se portar e quais as regras a seguir nessa sociedade criada, aos poucos vão se conhecendo melhor e se chocam quando descobrem o período curto de validade pré-estipulada pelo sistema para o relacionamento deles, apenas 12 horas de duração. Seguindo pela cidade vão com um carrinho sem motorista, guiado apenas pelo sistema, chegando na casa determinada para o seu relacionamento. Dentro da cidade, cada *match* formado, independente se vão vivenciar um relacionamento de horas ou anos, possuem local de convivência para aproveitar juntos.

Chegando nessa casa aparentemente desconfortáveis, Frank e Amy decidem conversar sobre como era a vida antes do sistema, ficam deitados com um desconforto notório, até que tomam a atitude de pegar na mão um do outro e continuam juntos refletindo, até o aparelho soar o barulho de *beep* informando sobre o fim do encontro. Na despedida, Amy insinua que deveriam ter tido uma experiência sexual e ambos lamentam a situação de maneira bem humorada.

Após o fim do relacionamento eles questionam ao sistema como saberiam que aquela pessoa não seria a pessoa certa, qual o sentido de ter um encontro tão curto, o sistema entrega respostas curtas justificando fazer parte da coleta de informações. Ambos acabam por aceitar as regras pré-estabelecidas. Logo em seguida, já recebem um *beep* anunciando outro *match* convidando ao local de encontros. No Segundo encontro Frank conhece Nicola, e logo percebem ter pouca simpatia um pelo outro, o sistema pré-define o relacionamento em um ano, já no segundo encontro de Amy conhece Lenny, que se considera um veterano no lugar, a validade do romance foi definida em nove meses.

Os dois casais vão para suas respectivas casas e as cenas começam a se alternar, mostrando Amy e Lenny consentindo no sistema que queriam ter relações mais íntimas, e o casal Frank e Nicola tendo relações sexuais, mas sendo desagradável para ambos.

No dia seguinte, todos os participantes seguem para um casamento na cidade para comemoração e no discurso dos noivos, a fala da noiva se dá no sentido de confiar no sistema, trazendo esperança para todos do sucesso prometido. Quando Frank e Amy se encontram, conversam um pouco e parecem felizes por se reencontrarem, ficando um clima nostálgico entre ambos.

Novamente segue com cenas se alternando mostrando a convivência de Amy e Lenny, no dia a dia, onde Amy apresenta-se desencantada em pequenas decepções da rotina e da personalidade do parceiro. Os casais vivem momentos tristes, cansativos e ansiosos com a chegada da data limite. Amy sai muito feliz quando seu aparelho soa o *beep* do término, mas logo já chega outro *beep* para um novo *match* que dura 36 horas. Amy segue por uma série de relacionamentos de 36 horas, com pessoas de diversas etnias e gêneros, as cenas focam em seu rosto desapontado e também com raiva de passar de um relacionamento para o outro.

Frank desabafa com o sistema sobre o fim do seu relacionamento com Nicola, “aprendi a conviver com alguém que desprezo, foi útil para o sistema?”, o sistema responde de volta que “tudo acontece por uma razão.” Seu segundo *Match* é com Amy novamente, eles demonstram felicidade e surpresa ao se encontrarem pois não sabiam que o sistema repetia relacionamentos.

Amy pede rapidamente para que não olhem a validade do relacionamento e justifica que o sistema a jogou de um relacionamento para outro, se queixando de não ter tempo de poder se apegar e confessa que durante os atos sexuais com os/as companheiros/as constantemente se via como se estivesse fora da experiência. Frank afirma que um relacionamento longo com quem não se ama é igualmente ruim. Assim, em um pacto, eles decidem não saber a validade

do relacionamento, decidindo vivenciar o momento presente. Conforme o protocolo, vão para sua casa gerada pelo relacionamento onde vivenciam momentos de alegria e conexão, o relacionamento evolui a um outro patamar.

No auge da paixão, Frank frequentemente olha para o aparelho demonstrando ansiedade com relação ao resto de tempo que ainda teriam. Até que um dia decide olhar sem o consentimento da parceira, mas como acontece a quebra do acordo entre eles, algo se quebra e o tempo reduz para 20 horas o que seria 5 anos, fazendo como que ele fique desesperado. Frank confessa seu feito a sua amada e eles acabam brigando e Amy sai muito decepcionada. O relacionamento termina e Frank fica muito abalado. As cenas voltam a se alternar com Amy olhando para uma cama como quem vai tendo muitos relacionamentos e Frank com um novo *match*, que lhe consola e aceita sua paixão pela outra. Depois de tantos *matches* finalmente chega o *beep* final, onde são avisados que terão seu último *match* com seu par ideal, o sistema dá a chance de poder encontrar uma pessoa para poder se despedir, rapidamente. Amy decide por encontrar Frank, logo chegando no restaurante, eles se beijam apaixonadamente e decidem burlar o sistema e pular os muros da sociedade para viver seu amor.

Neste momento, seguranças da sociedade vão ao encontro deles e com uma atitude corajosa de Amy, acontece uma pane no sistema. Tudo paralisa e eles começam a correr até o muro alto da cidade. Chegando lá, começam a subir a escada e toda a sociedade começa a escurecer até chegar ao ponto que eles também. No fim do episódio aparece o casal em uma plataforma dentro do sistema, uma matrix, onde eles aparecem como casal ideal em 998 simulações, dando alusão que eles tinham quebrado a regra e pulado o muro essa quantidade de vezes, ou seja, o amor se rebelou. Ao olharem para o alto encontram que são o par ideal um do outro.

Uma nova cena aparece, o encontro real fora da cidade, em um bar eles estão usando um aplicativo de relacionamento diferente do sistema, ao olharem o celular, aparece o *match* de Frank e Amy e os dois se olham e sorriem. Finalizando o episódio.

DISCUSSÃO

A ETIQUETA DO AMOR

"Até você se tornar consciente, o inconsciente irá dirigir sua vida, e você vai chamá-lo de destino". (Carl Jung)

É perceptível ao decorrer do episódio observar um padrão, um conjunto de regras e etiquetas rígidas, quase um protocolo amoroso de como vivenciar o amor dentro dessa sociedade criada. Também é possível notar na vida real essas etiquetas pré-estabelecidas do amor, dependendo de cada cultura. No episódio, os encontros iniciam-se em um restaurante, momento em que os casais ficam ansiosos para descobrir a data de validade do relacionamento, depois seguem para a casa onde eles passam o tempo de duração do relacionamento até o dia estabelecido do fim. Quando se encontra o par ideal eles se casam, cumprindo com o objetivo do sistema que é encontrar o par para passar o resto da vida.

Segundo Regina Navarro (2017), no início dos relacionamentos são construídos códigos, que se estabelecem durante toda relação, esses códigos também podem ser levados para outros relacionamentos, na maioria das vezes de forma não consciente pelo sujeito. Esses códigos são construídos a partir de experiências, de olhares, expectativas, censuras, descobertas, comentários, ou seja a partir do dia a dia do casal dentro de sua cultura. A autora afirma que depois que esses códigos são estabelecidos, é muito difícil de reverter. Todos os relacionamentos apresentados seguem um padrão desde seu primeiro encontro, até a despedida.

Com alguns diálogos do episódio, é possível perceber um conjunto de padrões e regras que sinalizam a etiqueta do amor, o modo de se comportar esperado pela sociedade em questão. É possível notar no diálogo 1 a insegurança no modo de agir nessa nova sociedade, eles ficam olhando ao redor com medo da censura, é na experiência que eles vão aprendendo e construindo suas etiquetas.

Amy: Talvez pedir comida, é um bom plano.

Frank: Está bom.

Amy: Sabe como se pede?

Frank: Eu acho que usando isso (assistente)

Garçom: Aqui está senhor e para a senhorita.

Amy: Olha só, pelo jeito sou fã de massa.

Frank: E eu de bolinho de peixe. É bom, posso provar o seu?

Amy: A gente pode fazer isso?

Frank: Olha para os lados para ver os seguranças e fala ah foda-se

Amy: Foda-se

Diálogo 1

No diálogo 2, nota-se que os personagens não imaginam mais como é ter um término de relacionamento onde eles precisem tomar a escolha do fim, ou seja a etiqueta do fim do relacionamento se perde. A partir do momento que o sistema estabelece a duração do relacionamento, o casal não precisa se justificar um para o outro, enfrentando a tensão do término, simplesmente existe um prazo e eles preferem dessa forma.

Amy: Devia ser bizarro antes do sistema né?

Frank: Como assim?

Amy: Ahhh, as pessoas tinham que fazer todo o lance do relacionamento sozinhas, decidir com quem ficar.

Frank: Hm, paralisia da escolha. Tantas opções que acabamos sem saber qual queremos.

Amy: É, é isso. E quando as coisas começavam a complicar, eles tinham que decidir como terminar com alguém

Frank: Como terminar com alguém, puta merda.

Amy: Que pesadelo

Frank: Não é mais assim, com tudo decidido

Amy: É bem mais simples com tudo decidido, mas é estranho.

Diálogo 2

Na atualidade pode-se perceber que existe um descompromisso nas relações, tudo está propenso a mudar com rapidez de forma imprevisível. De acordo com Giddens (1992), numa perspectiva romântica, para que uma relação seja mantida se faz necessário pensar na possibilidade de compromisso duradouro mesmo arriscando-se a um grande sofrimento no futuro, caso a relação seja dissolvida.

Já para Bauman (2004) dentro da modernidade líquida os amores tendem a se relacionar em uma determinada distância, usufruindo do convívio, mas não assumindo e nem exigindo um compromisso, deixando todas as portas sempre abertas. O teórico fala que nos amores líquidos, mesmo quem procura um relacionamento duradouro, na verdade deseja que ele seja leve e frouxo, para que possa ser posto de lado a qualquer momento. E ele ainda questiona se esses sujeitos líquidos não sabem escolher pois pensam em alguma coisa quando na verdade desejam outra, buscam sempre saber mais sobre conquistas fáceis e desejam romper relacionamentos sem dor com a consciência limpa.

O diálogo 3, é o primeiro encontro de Amy e Frank eles ainda não sabem se podem ou devem ter relações sexuais em um relacionamento tão curto, eles questionam ao sistema e este sinaliza que ambos podem escolher. Dessa forma estabelecendo entre eles etiquetas sexuais, se para o casal seria certo ou errado transar em um curto relacionamento. Já no diálogo 4 o

personagem Lenny sinaliza que devido a sua experiência seria melhor transar no primeiro encontro como uma forma de quebrar o gelo e saber a compatibilidade do casal. Amy adota como regra o ato sexual em encontros de curta duração, mesmo sem nenhuma conexão emocional com a pessoa em questão. Ela só seguia uma etiqueta que se estabeleceu.

Amy: Tá legal o que que a gente faz agora?

Assistente: Questão muito aberta, especifique.

Amy: Tipo, eu sei lá. É pra gente mandar ver?

Assistente: Defina mandar ver.

Amy: Argh! Caralho!

Frank em outro cômodo: Então, é para a gente fazer sexo um com o outro?

Sistema: Participantes não são obrigados a realizar ações específicas.

Frank: Mas nós podemos, não é? Tipo, acontece quando o tempo é curto?

Assistente: Se for a sua decisão.

Frank: A gente escolhe?

Assistente: Vocês escolhem.

Diálogo 3

Lenny: Oi

Amy: Oi

Lenny: Escuta, se não se importa, é o meu quinto relacionamento e eu descobri que é melhor fazer sexo logo de cara

Amy: Tá, é...

Lenny: Para quebrar o gelo. E dar uma ideia da compatibilidade de tudo.

Diálogo 4

O SISTEMA (ASSISTENTE) COMPARADO AOS APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO ATUAIS

“A matemática não é uma ciência, mas uma religião, pois os números se transformam como num milagre, e você simplesmente tem que aceitar.” (Calvin)

O algoritmo é o átomo de qualquer processo computacional, consiste em uma solução que programa etapas para resolver algum problema, ou realizar uma tarefa de forma prática (Pierro, 2018).

Na atualidade há um grande uso de aplicativos de relacionamentos o que mostra a lógica dos algoritmos, fazendo o usuário agir para alimentar a própria base de dados. Segundo Ramírez e Jiménez (2019), o problema se dá quando há ausência de reflexão da sociedade contemporânea em torno das consequências de priorizar o pensamento cartesiano, lógico matemático e considerá-lo como verdade absoluta em detrimento dos saberes humanos. Pode-se perceber atualmente um endeuamento das redes sociais e aplicativos de relacionamento tendo eles como prioridade na busca do amor ou simplesmente satisfações afetivas, como o sexo casual. Se antes a Igreja e a família ditavam regras e influenciavam as relações, hoje as redes sociais e aplicativos de relacionamentos são prioridades para muitos, sendo muitas vezes o único meio de busca de uma relação amorosa.

Assim, pôde-se observar no episódio que os protagonistas vivenciaram experiências desagradáveis, acreditando que o sistema sabia o que era melhor para eles, conforme o trecho descrito no diálogo 1.

Amy: E se não tiver lógica? Ele combina a gente em qualquer ordem e a gente aceita porque todo mundo fala como o sistema é inteligente.

Frank: É mais o sistema encontra o par ideal. Tem uma taxa de sucesso de 99,8%

Amy: Mas como você sabe que é o par ideal? E se o sistema só estiver cansando a gente gradualmente, botando a gente em um relacionamento atrás do outro, com durações aleatórias, em uma sequência aleatória e a cada um você fica mais flexível, um pouco mais triste, até que um dia ele cospe a oferta final e fala quem é seu par ideal. E a essa altura você tá tão derrotado e tão exausto que simplesmente aceita e se acomoda. E aí, desse jeito você vai viver o resto da sua vida se convencendo de que não fez isso.

Diálogo 1

No diálogo 2, por sua vez, percebe-se que o sistema apenas colhe as informações, não cabendo a ele julgar, esse papel quem faz são os humanos, a partir das experiências deles é que o sistema vai desenvolvendo um perfil para aquela pessoa.

Amy: Acho que eu não entendi o sentido com tão pouco tempo, doze horas.

Sistema: Mesmo a sua reação em um encontro breve, fornece ao sistema informações valiosas.

Amy: Mas eu nem fiz nada o sistema acha que eu sou careta.

Sistema: O sistema não faz julgamentos morais

Diálogo 2

Nos aplicativos de relacionamentos atuais, como Tinder, o sistema é configurado pelo usuário sendo necessária a alimentação das informações pessoais e dos desejos do *match* ideal na criação do perfil, é possível selecionar o gênero de preferência, a idade, o raio de distância de proximidade, ou seja, o sistema vai filtrando o que o usuário mais se identifica e possibilita o encontro entre eles.

A busca nas redes é marcada por fantasias, idealizações, pré-conceitos e etiquetas já estabelecidas, podendo durar horas ou dias. O algoritmo é utilizado para que de forma mais rápida e fácil se encontre o par ideal, a busca parece para alguns fácil, pois o sistema lhe traz um “cardápio” de tudo o que gosta em um só lugar, mas o encontro perpassa a fantasia e chega ao real. Com o encontro pode-se entrar em choque com o real, pois vai existir a quebra das fantasias, o sujeito pode se surpreender, se decepcionar, pode querer conhecer mais o outro,

pode querer partir para outra relação, a forma que cada um lida com a busca e o encontro é muito subjetiva.

Nota-se então, que no episódio o sistema começa a coleta de informações a partir das relações, das experiências de combinações aleatórias e vai aprendendo na medida em que as informações serão computadas, criando preferências e definindo o perfil ideal para aquele usuário. Existe uma inversão deste modelo se compararmos com os aplicativos usados no mundo real, onde muitas vezes há perda da possibilidade do novo, pois, antes de experienciar o encontro com pessoas diferentes do perfil, isento de julgamento, o sujeito já inicia fazendo uso de seu julgamento moral carregado de conceitos e pré-conceitos instituídos socialmente através de seus filtros. Sobre o episódio, Lemos (2018) faz uma importante reflexão:

“Interessante ver que o algoritmo reconhece que, para uma relação amorosa dar certo, há a necessidade de rebeliões contra a imposição do próprio sistema. A agência procedimental dos algoritmos não define as compatibilidades previamente, com base nos dados gerados, mas espera por manifestações que poderíamos dizer afetivas e humanas, como rebelião e revolta. Isso pressupõe uma consciência autorreflexiva que sistemas de inteligência artificial ainda não desenvolveram de forma comparável à humana. Consequentemente, o machine learning do sistema se dá, certamente, pela quantidade de dados que o mesmo coleta, processa e analisa, mas a sua finalização, para apontar uma alta compatibilidade, só acontece com uma ação “humana” de ruptura e subversão às regras. O sistema inclusive testa os participantes, informando que eles não podem romper o contrato, mas é essa ruptura que oferece a resposta. (Lemos, 2018, p. 136)”

AMOR E ÓDIO

“Odeio e amo. Por quê? – você quer saber. Não sei, mas sinto assim e me atormenta” (Catulo)

A paixão geralmente inicia-se da projeção e da idealização da pessoa amada, da fantasia que é construída sobre ela. No início não se relaciona com a pessoa real e sim com a invenção

feita a partir de suas próprias necessidades. Entretanto com a rotina, vem a intimidade e com ela passa-se a conhecer o real sujeito amado, é impossível a idealização se sustentar por muito tempo, as brigas se iniciam, os defeitos são descobertos e percebe-se que o outro talvez não traga a ideia de completude e par ideal.

Regina Navarro Lins (2017) diz que quando se percebe que o outro não é uma personificação de nossas fantasias, nos ressentimos e geralmente o culpamos. A desilusão é inerente a construção de expectativas e ela só acontece porque de fato ninguém é perfeito. O sistema do episódio gera pares a partir das informações colhidas dos comportamentos dos usuários, mas existe algo na subjetividade e na convivência, que faz perceber que essa compatibilidade não é tão perfeita, como no diálogo 1 quando Amy se aborrece com o barulho que Lenny faz, como no diálogo 2 quando Amy e Frank brigam pela primeira vez e o relacionamento termina.

Lenny: Ahhhh (Barulho com a boca)

Amy: Sabe o barulho que você faz?

Lenny: Que barulho?

Amy: Ahhhh (Barulho com a boca)

Lenny: Eu faço isso?

Amy: É, faz toda hora!

Lenny: Isso te incomoda?

Amy: É um pouquinho...

Diálogo 1

Frank: Eu não queria estragar o dia.

Amy: Ah, e agora não estragou?

Frank: Era pra ser cinco anos, mas.. Eu olhei e aconteceu alguma coisa, começou a diminuir, eu não sei o que foi.

Amy: Foi você.

Frank: Não, quer dizer, não sei.

Amy: Por que você tinha que olhar?

Frank: Olha, eu estava pensando que de algum jeito a gente podia escapar.

Amy: Por que você tinha que olhar?

Frank: Porque eu gosto de você, muito.

Amy: Merda, e isso não era o bastante?

Frank: Não, não é essa a questão. Eu olhei, mas esse não é o problema.

Amy: Tem certeza disso?

Frank: Como assim, você está mais brava com isso do que com o tempo curto?

Amy: É porque, a gente combinou isso.

Diálogo 2

Quando os sujeitos não conseguem lidar de forma positiva com essas frustrações, esses podem acabar desenvolvendo sintomas e até mesmo transtornos de depressão e ansiedade. Depressão é um estado onde o sujeito apresenta sintomas característicos como humor triste, desânimo, pessimismo, aumento ou falta de apetite, perda de energia, concentração prejudicada e outros, por mais de duas semanas. A ansiedade é um sintoma que está presente nos transtornos de ansiedade, esse sintoma se manifesta com excesso de preocupação, dificuldade de relaxar e se concentrar, irritabilidade, alteração do sono e também outras maneiras (Dalgarrondo, 2018). O acompanhamento junto a um psicólogo e /ou psiquiatra dirá um possível diagnóstico. Durante o episódio pudemos acompanhar a presença de alguns sintomas e podemos citar que quando Amy e Frank terminaram, ambos demonstram bastante tristeza e não elaboraram suas questões.

Algumas cenas mostram Amy, aparentemente demonstrando um estado afetivo da depressão, a apatia, sintoma caracterizado pela indiferença afetiva, o sujeito vê as vivências

com certa indiferença. Isso é notado quando ela relata se ver fora do corpo acompanhando sua atuação sexual de fora, com os diversos parceiros casuais escolhidos pelo sistema. Frank toma uma atitude precipitada, impulsiva quando decide ver o tempo de validade de seu relacionamento sem a permissão de sua amada. Pode-se pensar que ele estaria sofrendo com ansiedade, pois o mesmo não conseguia relaxar, pensava constantemente na duração do relacionamento, antecipando uma situação estressante, experimentada na imaginação do indivíduo que fica remoendo como será sua futura situação desconfortável (Dalgarrondo, 2018)

Tais cenas podem exemplificar estados de sofrimento psíquico, que podem ou não levar ao desenvolvimento dos chamados transtornos.

O ORÁCULO

“Conhece-te a Ti mesmo e conhecerás todo o universo e os deuses, porque se o que procuras não achares primeiro dentro de ti mesmo, não acharás em lugar algum.” (Oráculo de Delfos)

No amor romântico o que movia as pessoas na busca de um par ideal era a fé que elas possuíam em um Deus, cupido ou entidades que pudesse romanticamente unir os casais, atualmente a fé foi passada para os algoritmos. Observa-se que essa tendência se confirma também nos chamados tempos líquidos, onde a expectativa de encontro ideal foi creditada cegamente para os algoritmos numa promessa de compatibilização matemática, infalível. O algoritmo passa a ser o novo oráculo da modernidade, embasado cientificamente (Pierro, 2018).

A terceirização dessa escolha na série demonstra a falta de responsabilidade e de compromisso investido na relação, como no diálogo 1, as pessoas devem confiar em números estatísticos, pois neles existe à promessa de satisfação garantida, basta esperar e confiar.

Noiva: Só quero dizer: tenha fé no Sistema, porque vai valer a pena. Valeu para nós. Eu tive tantas experiências e um dia ele (sistema) me junto com o meu par definitivo. O melhor da espécie.

Noivo: Auuu (barulho de lobo)

Noiva: Então se estão com dúvida, aguentem firme para valer.

Noivo: Porque funciona de verdade.

Diálogo 1

Não existe o fazer ou o questionamento, ou seja um trabalho subjetivo, apenas a passividade de que isso vai acontecer, se o oráculo diz, é aceito, porque os sujeitos querem evitar passar por experiências de frustração, de desilusão, abandono, querem apenas o seu par, tendo a certeza que ele vai ser definitivo pelo resto da vida (Peck, 1978; Santoro, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Nosso Amor A Gente Inventa (estória romântica)

O teu amor é uma mentira
Que a minha vaidade quer
E o meu, poesia de cego
Você não pode ver

Não pode ver que no meu mundo
Um troço qualquer morreu
Num corte lento e profundo
Entre você e eu

O nosso amor a gente inventa
Pra se distrair
E quando acaba, a gente pensa
Que ele nunca existiu

O nosso amor a gente inventa, inventa
O nosso amor a gente inventa, inventa

Te ver não é mais tão bacana
Quanto a semana passada
Você nem arrumou a cama
Parece que fugiu de casa

Mas ficou tudo fora do lugar
Café sem açúcar, dança sem par
Você podia ao menos me contar
Uma estória romântica

O nosso amor a gente inventa
Pra se distrair
E quando acaba, a gente pensa
Que ele nunca existiu

Cazuza

Diante do exposto, pode-se concluir que a partir do episódio e da análise de conteúdo realizada que os protagonistas estão em busca do seu par ideal, se submetem a etiquetas e regras sociais pré-estabelecidas sem muita criticidade.

Ao longo da história da humanidade, a cultura amorosa vem se transformando e se adaptando ao modo de pensar de cada época, porém independente do tempo e das mudanças culturais, o ideal de amor romântico tem resistido.

Pretendeu-se demonstrar com o episódio que mesmo na modernidade líquida as pessoas vivem muito do mito do amor romântico, existindo uma ambiguidade ou um amor híbrido, ou seja parte romântico e parte líquido, por vezes emblemático. Onde os sujeitos buscam na modernidade líquida, rápido e fácil encontrar os seus amores, querem viver uma relação de satisfação de completude como no mito amor romântico e mesmo assim sentem medo do compromisso, tendo relações rasas, rápidas e superficiais, porém com o ideal de encontrar alguém para viver feliz para a vida toda.

Além disso, analisou-se em seu enredo as consequências oriundas da insatisfação com as experiências vivenciadas, onde foi possível perceber a quebra de uma idealização e um contato com o real, que muitas vezes gera um adoecimento psíquico no sujeito por não conseguir elaborar a frustração do cotidiano amoroso podendo desenvolver algum sintoma ou

transtorno mental. Também foi problematizado a busca incessante de garantias do encontro do par ideal, mesmo que estas signifiquem perda da sua liberdade de escolha, terceirizando a responsabilidade da sua felicidade para os algoritmos.

Com isso, esse estudo pretendeu realizar um diálogo entre o episódio em questão e os atuais aplicativos de relacionamento com o intuito de estabelecer uma relação e reflexão entre a ficção e a realidade, trazendo pontos importantes que devem ser levados em consideração tais como, influência da cultura nas novas formas de amar e se relacionar e como isso pode fortalecer e também pode adoecer o sujeito.

REFERÊNCIAS

Bauman, Z. (2004) *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bittencourt, R. N. (2009). A fragilidade das relações humanas na pós-modernidade. *Revista Espaço Acadêmico*, 9(100), 62-69. (Recuperado de <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7606>)

Carlucci, A. P., Barbato, S. B., & Carvalho, O. F. (2011) A construção da identidade profissional na adultez em emergência: narrativas de uma jovem sobre o ser estudante e trabalhadora. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11(2), 566-589. doi: [10.12957/epp.2011.8395](https://doi.org/10.12957/epp.2011.8395)

Costa, F. (1998). *Sem fraude nem favor: Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.

Dalgalarrondo, P. (2018). *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos*. Porto Alegre: Artmed.

Ferreira, J. F. V. Romantismo: a formação da literatura brasileira. (2012) *Revista Vozes dos Vales*, 2(1), 1-12. (Recuperado de

http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/ROMANTISMO-A-FORMAÇÃO-DA-LITERATURA-BRASILEIRA_júlio-flávio.pdf

Figueiredo L., & Souza, R. (2017). *Tinderellas: O amor na era digital*. São Paulo: Ema Livros.

Filha T. M. S. P. (2016). *Em busca do match perfeito: Narrativas e representações de práticas de afetividade desempenhadas a partir do Tinder*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

Giddens, A. (1992). *The Transformation Intimacy: Sexuality, Love & Eroticism in Modern Societies*. Polity: Stanford.

Goulart, P., Timponi R., Justen J., Autran L., & Oliveira F. (2013) Tropicália: a contracultura na Música Popular Brasileira. *Anais do IX-Encontro Nacional de História na Mídia*. Ouro Preto, MG, Brasil. (Recuperado de <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/tropicalia-a-contracultura-na-musica-popular-brasileira>)

Guedes, D., & Assunção, L. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). (2006). *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 6(2), 396-425. (Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200007)

Lemos, A. (2018). *Isso (não) é muito Black Mirror: passado, presente e futuro das tecnologias de informação e comunicação*. Bahia: Edufba.

Lins, N. R (2017). *Novas formas de amar Nada vai ser como antes: Grandes transformações nos relacionamentos amorosos*. São Paulo: Planeta do Brasil.

Peck, M. (1978) *The Road Less Traveled: A New Psychology of Love, Traditional Values and Spiritual Growth*. Nova York: Ebury Digital.

Pierro, B. (2016). *O mundo mediado por algoritmos: Sistemas lógicos que sustentam os programas de computador têm impacto crescente no cotidiano*. Revista Pesquisa FAPESP, 266(1). (Recuperado de <https://revistapesquisa.fapesp.br/2018/04/19/o-mundo-mediado-por-algoritmos/>)

Ramírez, D. G., & Jiménez, D. V. (2019). *Los impactos de la ideología técnica y la cultura algorítmica en la sociedad: una aproximación crítica*. Revista de Estudios Sociales, 71(1), 15-27. doi: [10.7440/res71.2020.02](https://doi.org/10.7440/res71.2020.02).

Sacramento, S. O amor em terras brasileiras. (2006). *Revista Estudos Feministas*, 14(1), 319-323. doi: [10.1590/S0104-026X2006000100022](https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100022)

[Santoro](#), V. C. O amor nos tempos da internet. (2016). *Revista Estudos de Psicanálise*, 45(1), 167-170. (Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-34372016000100017&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)